

## Burle Marx e os jardins do Recife

**ANA RITA SÁ CARNEIRO\***

### Resumo

Passados cinquenta anos de seu desempenho no governo de Pernambuco, Burle Marx declara que alcançou a “consciência concreta” no momento em que criou os jardins públicos do Recife. Seu olhar erudito, de músico e pintor, observando as paisagens ribeirinhas, de matas e do Sertão, ávido em conhecer os hábitos e a arte populares, decidiu que a planta seria seu objeto de composição no desenho, na pintura e no jardim. Portanto, é o diálogo entre jardim e paisagem que se estabelece no exercício do paisagismo como arte nas praças do Recife. O propósito em conservar esses jardins históricos como monumento vivo prioriza a educação patrimonial que começa com a capacitação de jardineiros já praticada por Burle Marx nos anos 30 ao realizar os desenhos de cada jardim em perspectiva para orientar os que iriam executá-los.

**Palavras-chave:** Burle Marx; jardim; paisagem; paisagismo.

### Abstract

Fifty years after having worked for Pernambuco's government, Burle Marx declared that he reached landscaping consciousness by creating Recife's public gardens. Due to his musician and painter look, observing riverbank, forest and the Backland landscapes as well as popular habits and arts, he decided that the plant would be the main object in drawing, painting and landscape architecture composition. It means that the dialogue between garden and landscape was established to conceive Recife's garden squares. The purpose of conserving these historic gardens as living monuments gives priority to heritage education that begins with gardeners training. This was already practiced by Burle Marx in the thirties concerning perspective drawings to inform who would make them.

**Key words:** Burle Marx; Garden; landscape; landscape design.



\* **ANA RITA SÁ CARNEIRO** é Arquiteta e Urbanista. Docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora do Laboratório da Paisagem da UFPE. Membro do Comitê Internacional de Paisagens Culturais.

## 1. O artista e a cidade

O artista Roberto Burle Marx chegou pela segunda vez ao Recife em 1934, permanecendo até 1937, para integrar a equipe de profissionais encarregados de modernizar a cidade a convite do interventor Carlos de Lima Cavalcanti. Na primeira vez, em 1932, ele chegou nessa cidade pelo mar desfrutando assim da paisagem urbana de águas salgadas e doces, experiência que repercutiu na concepção do jardim moderno. Sua tarefa era reformar as praças existentes dando-lhes qualidade, ou melhor, beleza e sensação de bem estar.

Sendo cultivador de plantas e estudioso da botânica, Burle Marx privilegia a vegetação no projeto desses espaços públicos. Com grande dificuldade, ele reuniu plantas do local para os jardins, pois não havia disponíveis. Decidiu, então, mandar buscar uma grande quantidade no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e até espécies de cana da índia vieram da Alemanha (FLEMING, 1996). Esse fato lhe deu impulso a explorar o interior do país descobrindo nas macropaisagens as espécies vegetais para compor os jardins urbanos.

A experiência que ele viveu nessa cidade nordestina, terra onde nasceu sua mãe Cecília Burle, aprofunda seu conhecimento no campo das artes – história, paisagismo, pintura, música e poesia – iniciado em São Paulo e continuado no Rio de Janeiro e, também, em Berlim. Em 1964, falando sobre composição em paisagismo, Burle Marx enfatiza que foi “como estudante de pintura, diante de uma estufa de plantas tropicais brasileiras, no Jardim Botânico de Berlim”, onde ele percebeu “as qualidades estéticas dos elementos nativos da flora brasileira” e daí decidiu que a planta seria seu objeto de composição no desenho, na pintura e no jardim (MARX, 1987, p. 18). Os estudos

de pintura realizados, quando morou na Alemanha, estimularam sua imaginação quanto à paisagem que estava representada pelas plantas nas estufas e ele decide conhecê-las no seu *habitat*, observando outros componentes – pedra, água, topografia, clima – e, nas cidades, agrega o cotidiano das pessoas.

O interesse pela história do lugar onde iria trabalhar, o Recife, o faz se debruçar sobre o legado artístico e científico do período holandês, observando as pinturas de paisagem de Frans Post, as pinturas e desenhos de Albert Eckhout e os desenhos do naturalista George Marcgrave, orientado pelo futuro fotógrafo e crítico de arte Clarival do Prado Valladares que fazia parte do grupo de intelectuais com o qual ele conviveu ao lado de Joaquim Cardozo, Cícero Dias e Gilberto Freyre. Examinando, com lente de aumento, os detalhes documentais da paisagem ressaltados pelos holandeses, Burle Marx apura mais o olhar para a beleza das especificidades naturais e construídas da paisagem pernambucana que ele revela em palestra proferida no Seminário de Tropicologia, no ano de 1985, a convite de Gilberto Freyre (MIRANDA, 1992, p. 72):

“Esses três anos vivendo numa cidade tão brasileira, indo às festas da igreja, mamulengo, pastoris, frevos, reisados, maracatus, as canções populares que vinham do Sertão fizeram com que eu entendesse a paisagem natural e o elemento humano em Pernambuco. A insegurança inicial de como resolver um jardim transformou-se em consciência concreta. Hoje, depois de 50 anos, sinto que essas experiências foram válidas e determinaram minha maneira de construir jardim. Sobretudo, elas ensinaram-me o valor de observar, de ver” (MIRANDA, 1992, p. 73).

É um depoimento bastante significativo referente à outra realidade cultural diferente daquela que ele viveu na Europa, mas que ele valoriza e exalta as características que o sensibilizam: “Cidade de contrastes, cheia de mocambos, mas com grandes casas que também me impressionavam profundamente, semeadas numa paisagem dominada pelas mangueiras e jaqueiras, entremeadas de coqueiros” (MIRANDA, 1992, p. 72). Nota-se que o diálogo ‘jardim e paisagem’ é uma constante no seu modo de pensar e que a “consciência concreta” de como resolver um jardim aconteceu exatamente pela percepção dessa relação. Paisagens de Porta d’água (hoje bairro do Monteiro), Afogados, Casa Amarela e do centro do Recife com árvores frondosas, topografia, águas ribeirinhas, sobrados e casebres são pintadas em pastel, destacando o uso pelas pessoas seja lavando roupa, carregando latas d’água, conversando e olhando ao redor, assim como registra a expressão de homens e mulheres em bares, que resultam da captura do meio ambiente pelo olhar paisagístico, na sua primeira passagem pelo Recife<sup>1</sup>.

Dessa compreensão de paisagem, já em 1935, Burle Marx define o jardim como “natureza organizada subordinada às leis arquitetônicas” e o jardim moderno contendo as funções de higiene, educação e arte. Na função higiênica, o jardim proporciona sombra e amenização do ambiente urbano; na função educativa ele instrui as pessoas sobre a riqueza vegetal e os recursos ambientais e na função artística, ele transmite beleza na composição de cores, volumes, texturas (MARX, 1935).

Recomendado por Lúcio Costa, Burle Marx veio dirigir o Setor de Parques e

Jardins do Departamento de Arquitetura e Construção do Governo do Estado de Pernambuco, entre 1935 e 1937, ao lado do arquiteto e diretor geral Luiz Nunes, do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo e do engenheiro Ayrton Carvalho. Segundo Góes (2010), Nunes era um idealista e implantou uma arquitetura de linhas projetuais mais identificada com a “Escola Alemã” do que com a “Escola Francesa” de Le Corbusier, que influenciaria aquilo que, mais tarde se convencionou chamar de “Escola Carioca” (p.3). Esse fato consolidou mais a amizade entre Nunes e Burle Marx. Em sua última entrevista a Conrad Hamerman, em 1994, Burle Marx revela sua admiração por esses dois profissionais Luiz Nunes, que tinha trabalhado com o botânico Aristides Leão no Rio de Janeiro, e Joaquim Cardozo “o mais culto de todos (...), uma figura extraordinária, que conhecia não só a parte ecológica, mas que tinha grande entusiasmo por tudo que dissesse à arte” (HAMERMAN, 1995, p. 169).

Assim, foi nesse contexto, que ele criou o jardim moderno, o jardim brasileiro, como uma expressão de arte moldada pela planta, elemento plástico principal da composição, juntamente com as águas, murais, pedras, edificações e esculturas. Esses elementos eram pensados segundo princípios de composição como harmonia, proporção, oposição de cores, relação entre volumes, textura e levando em conta também a localização. Além desses princípios, ele considerava o ‘tempo’, não só em relação ao clima do lugar e às mudanças decorrentes da luz ao longo do dia e da floração, mas também do conhecimento da história e das pessoas (FLORIANO, 2006). Tal explicação está fundamentada na sua educação de artista/pintor que tem o impulso criador e trabalha com princípios de composição (MAURÍCIO, 1962). Essa expressão

<sup>1</sup> Roberto Burle Marx, a figura humana na obra em desenho, 2013 (Catálogo de exposição).

artística traz subjacente a compreensão de paisagem como um sentimento com o mundo, com o espírito das pessoas e do lugar que diz respeito à paisagem existente (BERQUE, 1998), e àquela que vai ser criada com o jardim.

No início de sua gestão, Burle Marx elaborou três projetos paisagísticos completos: a Praça de Casa Forte, a Praça Euclides da Cunha e a Praça Artur Oscar, que iniciam a sua produção artística de 58 jardins no estado de Pernambuco, dos quais 39 estão em Recife, entre públicos e privados, e que se prolonga até o ano de 1990. O conjunto de jardins incluiu projetos completos e pequenas intervenções, sendo que alguns ainda não foram identificados (SÁ CARNEIRO, SILVA e SILVA, 2013).

Mas, no período em que residiu em Recife, realizou 13 intervenções em espaços públicos seguindo um Plano de Aformoseamento, dando início a uma intervenção em espaço privado que foi o jardim da casa de Cornélio Brennand situado na Várzea. O Plano de Aformoseamento compreendia a relação entre espaços públicos em diferentes bairros como o do Recife, Santo Antonio, São José, Boa Vista, Afogados, Várzea e Casa Forte. Além dos três jardins já citados, destacam-se a Praça do Derby, a Praça da República e o Jardim do Palácio do Campo das Princesas. Mais tarde, entre 1957 e 1958, quando mantinha escritório em Caracas, realizou mais dois jardins públicos dos mais significativos: a Praça Salgado Filho ou Praça do Aeroporto e a Praça de Dois Irmãos, hoje Praça Faria Neves.

## 2. A paisagem nos jardins

Uma paisagem de águas e de muitas praças e pátios foi o que Roberto Burle Marx encontrou quando chegou ao Recife em 1934 com apenas 25 anos de idade. Da Alemanha, onde viveu por um ano e meio – de 1928 a 1929 –, ele trouxe conhecimentos de música, pintura e ainda maior interesse botânico desenvolvido nos exercícios de desenho que fazia no Jardim Botânico de Dahlem e pesquisa em revistas alemãs em especial a *Gartenschoenheit*. Construiu conhecimento sobre as coleções de plantas agrupadas nesse jardim botânico pelo especialista, em botânica, Adolf Engler, segundo critérios geográficos. A partir da observação dos exemplares da flora brasileira, lá expostos, que não eram usados no paisagismo brasileiro, decidiu defender e priorizar nos seus projetos essa flora riquíssima (MARX, 1987). Seria, portanto, uma resposta coerente ao movimento artístico brasileiro iniciado na década de 1920, de investir na produção artística nacional, democratizando-a para todas as classes sociais no sentido de restringir a influência européia.

O ímpeto em criar um jardim brasileiro levou-o a excursionar pelo interior do estado de Pernambuco explorando a flora regional para idealizar jardins temáticos como a Praça de Casa Forte no bairro de Casa Forte contendo três partes: a) uma de espécies da flora brasileira incluindo a Mata Atlântica, b) uma de espécies da Amazônia e c) uma de plantas exóticas; a Praça Euclides da Cunha, no bairro da Madalena, de plantas da caatinga em homenagem ao escritor de “Os Sertões” e a Praça Artur Oscar, no bairro do Recife, de plantas típicas da restinga pela proximidade com as águas de rio e de mar. Esses três jardins se sobressaem do conjunto pelos temas voltados para a vegetação nativa

que eles encerram em comparação aos demais que correspondem a menores dimensões ou a intervenções pontuais.

Seu pensamento paisagístico considerava o jardim como interface entre a arquitetura e a natureza, o que exige primeiro entender a natureza, admirando-a, para tirar dela a grande lição (LEMOS e SCHWARZSTEIN, 1996). Essa concepção aproxima-se dos princípios do jardim inglês que por sua vez se espelhou no jardim chinês no qual a referência é a natureza, a harmonia dos elementos, como a vegetação, a água e a pedra, privilegiando a contemplação. Esses fatores foram também registrados por Glaziou, técnico com grande conhecimento de botânica que atuou no Rio de Janeiro e que foi referência paisagística para Burle Marx (FROTA, 1994).

Ainda em 1936, Burle Marx realizou uma intervenção no Parque do Derby criado em 1925, e hoje denominado Praça do Derby e na Praça da República com o jardim do Palácio do Campo das Princesas, projetados no século 19 por Emile Beringer. Outros projetos foram idealizados para o Largo das Cinco Pontas junto ao Forte das Cinco Pontas, para o Largo da Paz e para a Praça Dezessete mantendo a mesma composição de vegetação arbórea como se eles pertencessem a um sistema. Na década de 50, o prefeito Pelópidas Silveira, bastante comprometido com o bem estar recreativo da população, o convidou para criar duas praças: a Praça Salgado Filho como parte de um conjunto arquitetônico do aeroporto do Recife, com função mais institucional e a Praça de Dois Irmãos – hoje Praça Faria Neves – para os residentes de uma vila dos funcionários da Companhia do Beberibe, empresa que fazia o abastecimento d'água, com função mais residencial.

A partir de 1970, teve produção maior de jardins privados e um dos últimos, datado de 1984, foi o da Oficina Francisco Brennand pensado como um hall de exposição das esculturas do artista que ficariam distribuídas pelos patamares de um lago entre as espécies arbustivas e herbáceas.

No ano de 2001, os preparativos para um encontro nacional de paisagismo que aconteceria no ano seguinte, promoveu uma parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco/Laboratório da Paisagem e a Prefeitura do Recife, que se iniciou com uma avaliação do estado de conservação dos jardins projetados pelo paisagista que seriam visitados pelos participantes. Nesse sentido foram providenciados os estudos visando à restauração de alguns deles que se encontravam seriamente danificados ou abandonados – Praça Euclides da Cunha, Praça Faria Neves e Praça do Derby.

A Praça Euclides da Cunha foi o primeiro jardim a ser restaurado, no ano de 2004, segundo pesquisa histórica e botânica realizada em arquivos locais, análise de iconografias e fotografias antigas para a identificação da vegetação na região do Sertão, o que exigiu um levantamento histórico da vegetação. Em 2006 foi restaurada a Praça Faria Neves e em 2008, a Praça do Derby.

A restauração desses três jardins, que implicou em trabalho conjunto incluindo Prefeitura, universidade e residentes, gerou discussão na imprensa e reuniões com instituições e entidades ambientalistas. Isso concorreu para que o Laboratório da Paisagem da UFPE solicitasse, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o tombamento dos seis jardins de Burle Marx mais representativos: Praça de Casa Forte, Praça Euclides da Cunha, Praça do Derby, Praça da República e o jardim do Campo das Princesas, Praça

Salgado Filho (Praça do Aeroporto) e Praça Faria Neves (Praça de Dois Irmãos), o que desencadeou a elaboração do inventário dos respectivos jardins. O inventário foi elaborado a partir de uma

parceria entre o Laboratório da Paisagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFPE, o Laboratório de Sistemática de Fanerógamos/UFPE e a Prefeitura da Cidade do Recife.

### 3. Os jardins históricos do Recife

O jardim da Casa Forte foi o primeiro jardim público concebido por Burle Marx na intenção de reformar uma praça existente que tinha no centro um monumento dedicado aos heróis da Restauração Pernambucana e que fora construída na área do antigo Engenho Casa Forte. No depoimento de 1985, ele declarou:

“a praça já tinha o traçado dos canteiros definido. Com o desenho acadêmico tinha, em sua parte central, um horrível monumento aos heróis da Casa Forte, feito com cimento revestido em pó de pedra. Com total falta de tato político, mandei demolir o horror, fato que causou enorme reação dos falsos patriotas que conseguiam ver grandiosidade e heroísmo num vulgar arremedo de escultura. Acredito que, hoje, não teria esse ímpeto e coragem tão característicos da juventude maravilhosa, pelo que tem de inconsequente” (MIRANDA, 1992, p. 71).

Ainda salientou que “o aspecto que considere mais importante nessa praça foi o uso de elementos vegetais que ocorrem na paisagem natural, como Aninga (*Montrichardia inifera*), a Paquevira (*Heliconia psitacorum*) e a Macaíba ou Macaúba que, com seu fuste ventricosos, tão bem caracteriza a paisagem dos arredores de Olinda e Recife” (MIRANDA, 1992, p.71). No Boletim de Engenharia e no Diário da Tarde, ambos de março de 1935, o paisagista apresentou desenhos em perspectiva, explicou a relevância do jardim na história e os fundamentos do jardim moderno, e descreveu os detalhes da vegetação de cada parte da Praça de Casa Forte que servisse para os técnicos e jardineiros e para a população: local do plantio, associação com outras plantas, forma em relação ao conjunto e oferta de sombra tão necessária ao clima quente da cidade.

O interesse pela paisagem de águas e pela vegetação regional, que investigou no interior brasileiro, assegurou-lhe a decisão em utilizar, predominantemente, espécies da região estabelecendo uma relação de continuidade entre os espaços livres públicos urbanos e as áreas remanescentes de Mata Atlântica e outros ecossistemas. Além disso, ele sempre fez menção à Revista *Gartenschoenheit*, como fonte de pesquisa e informações que capturou nas visitas aos jardins europeus. Por sua vez, também elaborava os desenhos dos jardins em planta baixa e perspectivas com minuciosos detalhes para serem mais facilmente identificados pelos técnicos dos órgãos públicos e pelos jardineiros.

Na Praça de Casa Forte, filas duplas de árvores formavam uma cortina de vegetação ao longo de todo o jardim e no centro uma clareira, abertura obtida pela presença dos lagos que favorecia a contemplação do interior do jardim repleto de plantas aquáticas inclusive a Vitória Régia, planta da Amazônia. No centro do lago redondo ele indicou a escultura de uma índia a se banhar de autoria do artista Celso Antonio, mas, que nunca foi colocada. Hoje, a Praça de Casa Forte é um espaço público de grande referência para os residentes do bairro e de toda a cidade, onde acontece uma feirinha de produtos orgânicos aos sábados, é ponto de encontro nas campanhas políticas e de festividades ao longo do ano. Apesar de ser um ponto de atração convive com a falta de manutenção

principalmente dos lagos e canteiros que os contornam. Um plano de recuperação vegetal foi iniciado em 2010, mas ainda não foi concluído (Figuras 1 e 2).



Figuras. 1 e 2: Praça de Casa Forte. Fonte: Marcus Prado, 2013.

Para a Praça Euclides da Cunha, ele trouxe outro tema de certo modo inusitado para aquela época: um jardim sertanejo formado de plantas do ecossistema da caatinga representando a paisagem da região do Sertão nordestino marcada pela seca, mas de grande expressividade e beleza. O local era conhecido como Largo do Viveiro e pertencia ao Engenho da Madalena que deu o nome ao bairro. Já estava instalada, no local, a pequena edificação da estação elevatória de arquitetura eclética pertencente à companhia de água e esgoto da cidade, construída pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, em 1910. Essa edificação tem presença de destaque no projeto, como referência para a criação de um aconchegante bosque com um longo banco ondulado.

Burle Marx faz uma homenagem ao escritor Euclides da Cunha autor de “Os Sertões” ao utilizar as plantas do semiárido em uma distribuição escalonada que vai do estrato arbóreo ao herbáceo, concentrando a atenção maior no núcleo de cactáceas e bromeliáceas, situado no centro do jardim como uma exposição a ser admirada pelos visitantes, e que seria enriquecido com a escultura de um homem de tanga de autoria de Celso Antonio. Dois anéis gramados e com árvores acompanhavam paralelamente a forma elíptica do núcleo. Na década de 50, a escultura de um vaqueiro passou a fazer parte da praça, de autoria do escultor Abelardo da Hora, no lugar da indicada, sendo aprovada pelo paisagista.

A inovação do jardim causou indignação em alguns intelectuais como o jornalista Mário Mello que a comparou a um “sertãozinho de cactáceas” (JORNAL PEQUENO, 1935). Nesse jardim ele reuniu umbuzeiros, juazeiros, paus d’arco, paus-ferro, mandacarus, coroas

de frade, colhidos do ambiente natural do Sertão de Pernambuco e da Bahia, ao lado de grandes pedras para retratar a essência do ambiente natural (FLEMING, 1996). E tudo isso apareceu bem explicado no Boletim de Engenharia e no Diário da Tarde de março de 1935, ao lado da Praça de Casa Forte. Seguindo o mesmo princípio do entorno arborizado e centro aberto da Praça de Casa Forte, nessa praça, a luz foi um elemento de inspiração pela posição em relação ao movimento do sol no final da tarde dando um tom amarelado à paisagem.

A experiência vivida nas estufas do jardim de Dahlem se prolonga no Brasil com o estudo de “Os Sertões”, documento literário e sociológico, que orienta quanto ao clima, à flora e à população daquela região mostrando um modo de vida próprio “integrado aos ritmos da natureza” (LEENHARDT, 1996, p. 10). Com isso o seu olhar artístico está atrelado ao que se apresenta de forma genuína na natureza para formar a composição plástica do jardim. Jacques Leenhardt, crítico de arte, diz que Burle Marx introduz uma nova mensagem de jardim, que revela a imagem da nação, e utiliza a vegetação de caatinga que é autóctone na sua inteireza, pois o terreno era um largo sem vegetação. As cactáceas são distribuídas por entre as pedras também trazidas do Sertão para reproduzir o ambiente original. Diz Leenhardt que na mesma sintonia do relato de Euclides da Cunha, Burle Marx distribuiu as plantas no terreno “como se cada uma delas levasse, na sua solidão e na sua forma, a memória do combate pela vida que teve no meio ambiente hostil onde ela cresceu. As plantas são trazidas do Sertão, são autóctones, mas desde aquele momento e me parece até hoje jamais tiveram direito de cidadania na prática

paisagística da época” (LEENHARDT, 2008, p. 42).

Antes de ser restaurada em 2004, a Praça Euclides da Cunha servia de estacionamento de veículos para as festas do Clube Internacional – instalado em uma edificação neocolonial protegida por lei municipal em frente à praça – e as cactáceas estavam quase sumidas devido ao sombreamento de árvores que nasceram após a enchente de 1975. O espaço da praça foi inundado e

esquecido o que favoreceu a permanência de mendigos que se alimentavam de frutas deixando as sementes no solo. Atualmente, está sendo implantado um plano de recuperação vegetal que indicou a complementação das espécies arbóreas nos anéis de grama e no núcleo, tratamento fitossanitário e limpeza do canteiro central das cactáceas (Figuras 3 e 4).





Figuras 3 e 4: Praça Euclides da Cunha. Fonte: Marcus Prado, 2013.

Em seguida atuou em espaços urbanos de maior referência como a Praça da República, o Jardim do Palácio do Campo das Princesas e a Praça do Derby. Nos três houve a preocupação em incluir um elemento aquático relacionando com a paisagem das águas e de esculturas simbolizando divindades da mitologia clássica.

A Praça da República foi o primeiro espaço público do Recife estabelecido em 1872 (SILVA, 2010). Com vegetação arbórea densa além de muitas palmeiras, o jardim acolhe o Teatro de Santa Izabel (1845), articulando-se com outras edificações civis. Em 1936, o paisagista projetou um lago redondo com uma fonte na parte central abrindo caminhos largos com palmeiras imperiais em direção aos edifícios institucionais do entorno e em direção às

águas do estuário dos rios Capibaribe e Beberibe. O traçado do jardim do Palácio manteve o eixo em direção às águas estendendo-se em desenho sinuoso para cada lado do edifício e terminando com lagos. Assim o visitante poderia caminhar contemplando as águas dos rios, o casario histórico da Rua da Aurora e, mais distante, as colinas de Olinda. A planta baixa do projeto original de Burle Marx encontrada no Arquivo Público Estadual apresenta o desenho da vegetação marcado com números e letras, mas sem a identificação das espécies. O projeto de restauração, elaborado em 2010 sob a consultoria do Laboratório da Paisagem/UFPE, com estudo histórico e botânico está previsto para ser executado neste ano de 2014 (Figuras 5 e 6).



Figuras: 5 e 6: Praça da República e Jardim do Palácio. Fonte: Marcus Prado, 2013.

A Praça do Derby era denominada Parque do Derby, nome do projeto urbano que resultou na criação do bairro do Derby incluindo o espaço livre público, o edifício do Quartel da Polícia Militar e um grande loteamento, criado em 1925, pelo governador Sérgio Loreto. A praça se tornou um grande refúgio verde entre o rio Capibaribe e o canal Derby-Tacaruna, próximo ao centro, para onde converge o fluxo de veículos de vários bairros que se interligam com a via tronco, Av. Caxangá, no sentido leste/oeste. Em 1937, Burle Marx definiu um traçado mais sinuoso para os caminhos mantendo as edificações existentes, um coreto e uma espécie de orquidário, assim como as esculturas de divindades gregas do projeto original. Também colocou tipos diferentes de palmeiras, tendo sido algumas espécies

transplantadas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, indicando outros tipos de vegetação para compor o conjunto existente. Intermiuiu com maior ênfase na parte que ele denominou de ilha dos Amores, um recanto acolhedor com folhagens de várias texturas. Posteriormente, uma ação institucional implantou um playground que passou a ser ponto de grande atração para brincadeiras infantis. Na planta baixa do projeto original de Burle Marx consta a lista da vegetação de grande diversidade atingindo um número de 115 espécies. A decisão de construir dois abrigos de passageiros para o corredor de ônibus leste/oeste entre 2006 e 2007, deixou a área de entorno da ilha dos Amores quase irreconhecível. A restauração desse jardim aconteceu em 2008 fazendo renascer o espaço para o público (Figura 7).

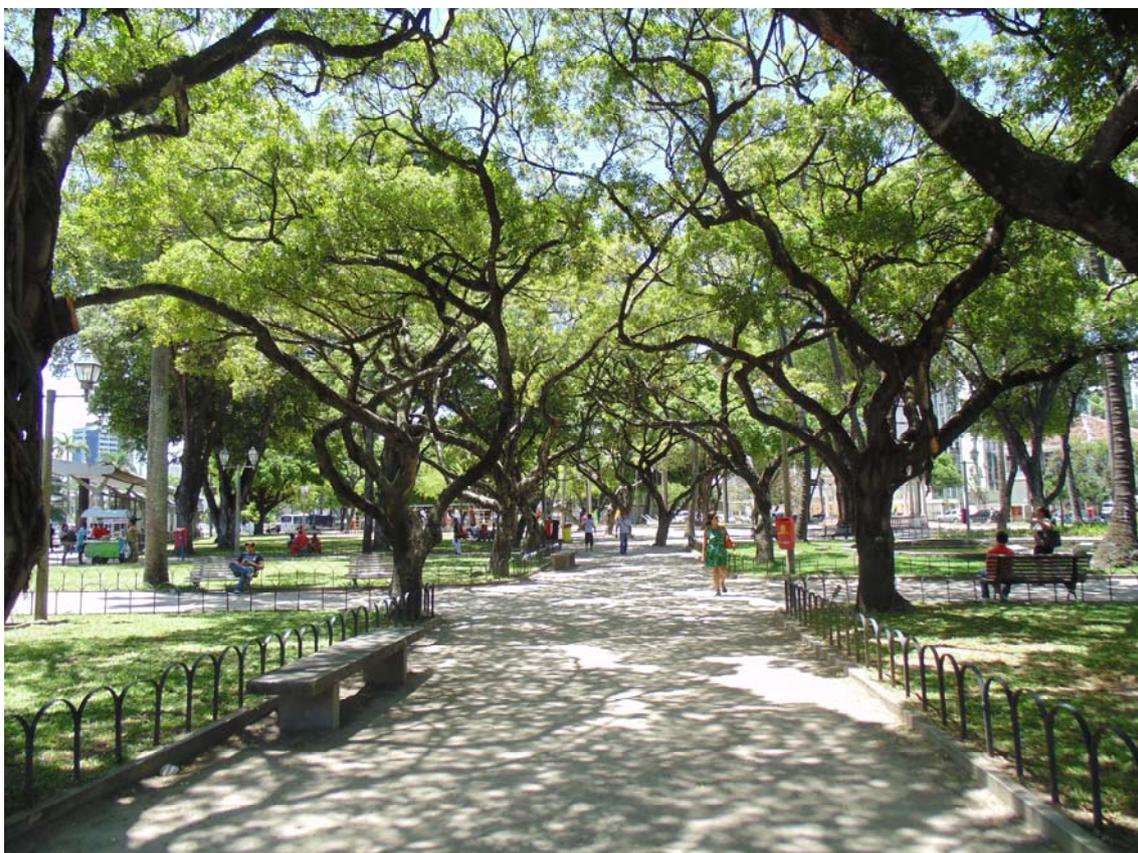


Figura 7: Praça do Derby. Fonte: Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2014.

A Praça Salgado Filho ou Praça do Aeroporto projetada por Burle Marx em 1957, a convite do prefeito do Recife Pelópidas Silveira, formava um conjunto urbano: edificação e espaço livre público. Naquele momento, havia a compreensão de que a uma edificação de destaque, o Aeroporto dos Guararapes, estaria atrelado um espaço de convivência e recepção para os visitantes que pediria uma área ajardinada para complementá-lo junto com a área de estacionamento de veículos. O lago de forma sinuosa era o ponto focal do jardim contendo plantas aquáticas em diferentes planos e uma escadaria de pedra. Abricós de macaco e paus-reis estavam distribuídos ao lado de bancos curvos de concreto.

Durante décadas esse espaço livre constituiu ponto de atração para onde se

dirigia grande número de visitantes locais e de fora da cidade. Na década de 1980, a praça passou por uma recuperação que incorporou a área de estacionamento ampliando o espaço vegetado. Porém, no ano de 2004, a ampliação do Aeroporto Internacional dos Guararapes modificou o sistema viário, interceptando a relação original entre a edificação e o espaço ajardinado e desagregando o conjunto urbano. Esse fato concorreu para o abandono do espaço público que permaneceu em estado crítico de conservação até ser restaurado em 2013, trazendo de volta as espécies indicadas pelo paisagista como o caládio (*Colocasia esculenta*) e o papiro (*Cyperus papyrus*) e adequando caminhos às rotas então observadas conforme atividades do entorno (Figura 8).



Figura 8: Praça Salgado Filho. Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE, 2014.

E por último a Praça Faria Neves, anteriormente chamada Praça de Dois Irmãos, constituía um local mais afastado onde ficava a Vila dos Funcionários da Companhia do Beberibe, responsável pelo abastecimento d'água e tratamento de esgoto, e era a ante-sala do Horto Zoológico de Dois Irmãos. O projeto enfatizou um brinquedo de concreto para servir de elemento de atração para as crianças, contornado com longos bancos de concreto e rodeado por abricós de macaco e cana da índia, e um bosque de jambeiros de modo a configurar uma entrada agradável para o Horto Zoo-

botânico que hoje é o Parque de Dois Irmãos. Em 2002, a praça funcionava como um estacionamento de caminhões e ônibus que traziam os visitantes do interior do estado para o Parque de Dois Irmãos. Em 2006, foi restaurada com a ajuda dos moradores que desenharam no chão o traçado idealizado pelo paisagista, uma vez que o projeto original não fora encontrado. A praça voltou a ser um espaço vivo de uso intenso por um público de várias idades e passou a ser adotada por um laboratório de remédios do governo do estado (Figura 9).



Figura 9: Praça Faria Neves ou de Dois Irmãos. Fonte: Marcus Prado, 2013.

### Para conservar os jardins

Em um futuro próximo, seis dos jardins que Burle Marx criou no Recife, entre as décadas de 30 e 50, estarão protegidos por lei federal como Patrimônio Cultural Nacional o que exigirá procedimentos

adequados à sua conservação. Nas declarações que Burle Marx fez na década de 1930, para demonstrar as razões desse ou daquele tema no projeto, o jardim moderno estava caracterizado como obra de arte, monumento vivo, como descreve a Carta de Florença de

1981. O jardim como monumento vivo exige cuidados especiais para manter a mensagem e cumprir sua função de objeto documental. Naquele momento, já constituía preocupação do paisagista a preparação de jardineiros para garantir a manutenção do jardim e isso se fazia começando pela compreensão do projeto com a especificação das plantas até a organização da sementeira para prover o manejo da vegetação. E por isso ele declarava que era necessário oferecer cursos de jardinagem para treinar a mão de obra, pois certas plantas necessitam de condições especiais para conseguir sobreviver como as do jardim das cactáceas (CORREIO DA MANHÃ, 1955). Inclusive, os desenhos em perspectiva que ele fazia do projeto do jardim tinham a finalidade de mostrar, aos jardineiros e técnicos, a textura de cada planta e como cada uma deveria estar combinada com outras formando uma composição vegetal. Uma vez se tornando jardim histórico, esses espaços públicos ou privados terão mais uma relevante função além daquelas mencionadas higiene, educação e arte, que será a função de documento histórico e que continuará com o tempo revelando os seus valores.

#### Referências

- BERQUE, Augustin (org.). Paysage, milieu, histoire. In: **Cinq Propositions pour une théorie du paysage**. École d'Architecture de Paris-La Villette, Editions Champ Vallon, 1994.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. A reforma dos jardins do Recife. **Diario de Pernambuco**. Recife, p. 1-1. 20 de maio 1937.
- FLEMING, Laurence. **Roberto Burle Marx, um retrato**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1996.
- FLORIANO César. Roberto Burle Marx: jardins do Brasil, a sua mais pura tradução in **Revista Esboços** no. 15, pp.11-24, 2006.

FROTA, Lélia. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.

GÓES, Ronald de. Hannes Meyer e Luiz Nunes: o elo perdido. **Revista Viver Cidades**, Rio de Janeiro, p.1-7, 31 mar. 2010.

HAMERMAN, Conrad. Roberto Burle Marx: The last interview. **The Journal of the Decorative and Propaganda Arts**, Japan, n.21, p.156-179, 1995.

LEENHARDT, Jacques (Org.). **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LEMOS, Paulo; SCHWARZSTEIN, Eduardo C.. **Roberto Burle Marx**. São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos Ltda., 1996.

MARX, Roberto Burle. **Arte e Paisagem: Conferências escolhidas**. São Paulo: Nobel, 1987.

\_\_\_\_\_. Jardins para Recife. **Boletim de Engenharia**, Recife, v.7, ano XVII, n.1, mar., 1935.

\_\_\_\_\_. Jardins e Parques do Recife. **Diário da Tarde**. Recife, p. 1-1. 14 mar. 1935.

MAURÍCIO, Jayme. Burle Marx e a renovação do jardim. **Correio da Manhã**. Recife, p.1. 18 jul, 1962.

MELO, Mário. Ontem, hoje e amanhã. **Jornal Pequeno**. Recife, p. 1. 15 jul., 1935.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Anais do Seminário de Tropicologia**. Homem, terra e trópico. Tomo 19 (1985). Recife: Massangana, 1992.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita, SILVA, Aline de Figueiroa; SILVA, Joelmir Marques da. **Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA, Aline de Figueirôa. **Jardins do Recife: uma história do paisagismo no Brasil (1872-1937)**. Recife: CEPE, 2010.

#### Agradecimentos:

Ao fotógrafo Marcus Prado pela cessão das fotos dos jardins do Recife e ao biólogo Joelmir Marques da Silva pela revisão da nomenclatura botânica.

Recebido em 2014-05-02  
Publicado em 2014-05-11